

DISCIPLINA: GEOGRAFIA E ATUALIDADE

PROFESSOR: ZECA TAVARES

AUTOMAÇÃO X EMPREGOS

Em cinco anos, máquinas e humanos irão dividir os trabalhos de forma igual no mundo. É o que diz o relatório “Futuro do emprego 2020”, do Fórum Econômico Mundial. Segundo o levantamento, a chegada da covid-19 e da recessão trazida pela pandemia fizeram empresas adotarem ainda mais tecnologias, transformando tarefas, empregos, habilidades e acelerando processos.

Com isso, das 300 empresas pesquisadas, que empregam mais de 8 milhões de pessoas no mundo, 43% indicaram que introduzirão mais automação e reduzirão sua força de trabalho devido à integração de tecnologia, 41% planejam expandir contratações para tarefas especializadas de trabalho e 34% estimam aumentar sua força de trabalho devido à integração de tecnologia.

A automação, de acordo com o relatório, junto da nova divisão do trabalho entre as máquinas e os humanos, acarretará na extinção de 85 milhões de empregos em todo o mundo em empresas de médio e grande porte em 15 setores e 26 economias, incluindo a brasileira.

No país, segundo o levantamento, algumas das áreas que devem ter maiores retrações são contabilidade, processamento de dados, atendimento ao cliente, caixas e funcionários de bancos, secretários administrativos e trabalhadores de montagem de fábrica.

Para o economista Bruno Ottoni, pesquisador da consultoria IDados e atuante na área de economia do trabalho, os avanços das tecnologias neste período em que o mundo está vivendo e com as máquinas ganhando capacidades que não tinham, vai gerar e já está causando impactos na desigualdade do trabalho do país, que, ao final do terceiro trimestre, totalizava 14,1 milhões de pessoas desempregadas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“A automação tem ajudado a aumentar a desigualdade. Ao longo do tempo, com a maior disseminação das novas tecnologias, isso só tenderá a se tornar ainda mais grave. Ou seja, com o tempo, tendemos a ter mais desigualdade do que já estamos observando hoje”, avaliou.

Isso, de certa maneira, segundo ele, está ligado a uma discussão do desaparecimento do meio da faixa de distribuição salarial, em que as máquinas estão substituindo trabalhadores e tenderão a substituir nos próximos anos. Ottoni explica também que existe uma massa de trabalhadores na calda da distribuição salarial que são menos qualificados, com salários menores e que realizam atividades que as máquinas ainda não conseguem substituir e que, provavelmente, não conseguirão nos próximos anos. São vagas relacionadas a trabalhos manuais em ambientes pouco estruturados, segundo ele.

Já na outra ponta da distribuição salarial, onde estão os empregos com trabalhadores mais qualificados e com boas remunerações, que realizam atividades que envolvem criatividade e originalidade, a máquina também tem certa dificuldade de substituir essas posições, explica o economista.

“Os trabalhos que estão sendo substituídos agora nessa nova revolução industrial são os do meio da distribuição salarial, com os robôs de inteligência artificial que operam de forma autônoma, que estão substituindo trabalhos industriais. Temos também os motoristas, que tenderão a ser substituídos nos próximos anos pelos veículos autônomos, que atuarão em estradas, caminhos mais definidos, em um ambiente mais estruturado. Essas ocupações tendem a sofrer mais nos próximos anos”, afirma.

O pesquisador explica ainda que, com esses empregos sendo substituídos pelas máquinas, os trabalhadores acabam descendo de patamar na distribuição da faixa salarial, pois não têm muita qualificação para ir para vagas superiores. Com isso, ficam em vagas como sobre qualificados. Esse cenário, segundo Ottoni, desloca pessoas menos qualificadas para fora da força de trabalho, o que acarreta na ampliação da desigualdade.

Para ele, a automação, apesar de ter efeito importante de produtividade, impõe risco sobre a perda de emprego, já que é associada à substituição de muitos trabalhadores por um número menor de empregados devido ao ganho de eficiência e produtividade.

Requalificação

O Fórum Econômico Mundial aponta que os mais prejudicados pelas mudanças trazidas pela pandemia serão os trabalhadores que já se encontravam, de alguma forma, em desvantagem.

Apesar de a janela de oportunidade para requalificação dos trabalhadores se tornar menor, com um mercado de trabalho mais restrito devido à recessão além do avanço tecnológico, **o relatório mostra que 50% de todos os trabalhadores que seguirem em suas funções até 2025 precisarão de requalificação.**

A maior parte das empresas pesquisadas reconhece a importância de requalificar seus empregados e estima que fará a realocação de 46% deles para vagas que irão surgir. Além disso, em cinco anos, segundo o relatório, 44% das habilidades a serem desenvolvidas pelos trabalhadores devem mudar.

Otoni avalia que, além da necessidade de requalificação, também existirá e necessidade de recolocação, já que, apesar da automação fechar vagas, por outro lado, ela também gera novas oportunidades. Ele defende a necessidade de criação de um aparato institucional dentro do país que seja capaz de fazer frente às demandas que vão surgir. O economista destaca a importância de instituições capazes de ajudar os trabalhadores no que tange à realocação.

Para o pesquisador, quanto melhor, mais rápida e eficiente for a estrutura de auxiliar os trabalhadores que estão perdendo emprego a conseguirem uma nova recolocação, menos traumáticas serão as substituições dos trabalhadores por máquinas.

Automação x futuro do emprego no Brasil

Otoni avalia que a automação colabora para o aumento da produtividade brasileira e ela se torna importante por ser uma maneira de o país conseguir superar e aumentar a produtividade que é algo, segundo ele, que o Brasil está tendo dificuldade de fazer nos últimos anos.

O economista diz, no entanto, que fatores econômicos, além de políticos, podem retardar o avanço da automação no Brasil. No lado da economia, Otoni diz que a mão de obra brasileira menos qualificada faz com que, em média, os salários sejam mais baixos. Com o custo relativo do trabalho mais baixo, torna-se mais vantajoso manter salários do que investir em uma máquina.

Além disso, o outro fator econômico que ele destaca é o nível de competição nos diversos setores do país. “Existem muitos setores em que temos um número pequeno de empresas operando. Quanto menor a competição, menor o incentivo para o aumento de competitividade. Em ambientes mais competitivos, se o competidor compra uma máquina e começa a ganhar mercado, você precisa comprar máquina também”, disse.

Na avaliação do economista, os empregos do futuro ainda são incertos, mas que determinadas posições que já existem não vão desaparecer, como, por exemplo, as que exigem originalidade e criatividade, para pensar novas formas de resolver problemas, além das que envolvam relações socioemocionais, com habilidades de lidar com pessoas, o que as máquinas não são capazes de fazer.

Já Pimentel aponta que alguns trabalhos continuarão, mas devem migrar de setor. “Algumas ocupações serão completamente transformadas, como as de setor de serviços, comércio e varejo, que já estão tendo uma mudança brutal com a chegada da tecnologia. É importante a gente pensar como país como requalificar essas pessoas para os novos trabalhos que estão surgindo”, concluiu.

Fonte: investnews.com.br/economia/maquinas-terao-metade-dos-empregos-ate-2025

PARA SABER MAIS...

<https://www.linkedin.com/pulse/como-automa%C3%A7%C3%A3o-e-ia-est%C3%A3o-mudando-o-mundo-do-trabalho-mauricio-betti/>